



A crítica de Gilbert Keith Chesterton à filosofia moderna a partir da filosofia do senso comum

The critic of Gilbert Keith Chesterton to modern philosophy from the philosophy of common sense

*José Francisco dos Santos**

*Adson da Silva Muniz***

Recebido: 19/06/2018. Aprovado: 20/07/2018.

Resumo: *O presente artigo busca compreender a crítica de Gilbert Keith Chesterton à filosofia moderna a partir da filosofia do senso comum. Para tal intento, primeiramente é apresentado o realismo filosófico segundo Chesterton. Em seguida, se descreve o abandono dos primeiros princípios filosóficos pela filosofia moderna e suas consequências para a sanidade mental do homem. Enfim, explicita-se a defesa da filosofia do senso comum como meio para se chegar a uma visão verdadeira da realidade. Para a construção de tal pesquisa, as principais fontes bibliográficas utilizadas foram os livros Hereges, Ortodoxia e Chesterton e o Universo, bem como obras de comentadores e estudiosos. Com a pesquisa se espera um aprofundamento no pensamento de G. K. Chesterton e na sua proposta de retorno à filosofia do senso comum, como sendo uma filosofia capaz de devolver ao homem a sanidade mental.*

Palavras-chave: *Chesterton. Realismo. Senso comum.*

Abstract: *The present article consists on investigation that, through bibliographic exploratory method, searches to comprehend the Gilbert Keith Chesterton's critic to the modern philosophy from the common sense philosophy. For this intent, firstly is presented the philosophical realism according to Gilbert Keith Chesterton. After, it described the abandonment of the first philosophical principles by the modern*

* Doutor em filosofia (PUC/SP, 2006). Mestre em Filosofia (PUC/SP, 2001). Pós graduado em fundamentos da educação (FURB, 1995). Graduado em Filosofia (FEBE/UNIFEBE, Brusque, 1990).

E-mail: zezinho.filosofia@gmail.com

** Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2017). Graduando em Teologia (FACASC, Florianópolis).

E-mail: adson96sm@gmail.com





philosophy and its consequences to the man's mental sanity. Finally, it will be explicated (ou "exemplified") the defense of the common sense philosophy as way to become a truly vision of reality, according to Chesterton. To the construction of this research, the main bibliographic sources used was the books: Hereges, Ortodoxia and Chesterton e o Universo, as well commentators works and students of the G. K. Chesterton's thinking. With the research is waited a deepening in the Chesterton's thinking in his proposal of return to the common sense philosophy, as a philosophy capable to give back to the man his mental sanity.

Keywords: Chesterton. Realism. Common sense.

Introdução

Ao longo da história da Filosofia, algumas correntes de pensamento e seus respectivos expoentes se detiveram sobre uma vasta gama de problemas, dentre eles, a aporia do ponto de partida da reflexão filosófica e da realidade. Deste modo, o pensamento filosófico confronta-se constantemente com questionamentos que se debruçam sobre o ponto de partida do pensamento e a possibilidade de se conhecer a realidade, abordando sua probabilidade de existência objetiva ou não. Gilbert Keith Chesterton, percebendo esta realidade, a recusa dos primeiros princípios e o abandono da filosofia aristotélico-tomista, detém-se em mostrar para o homem a necessidade de postular o fundamento real do conhecimento. Sendo assim, este artigo procura responder ao seguinte questionamento: qual a crítica de Chesterton à filosofia moderna, e como ele a fundamenta a partir da filosofia do senso comum?

Tal pesquisa denota a sua pertinência para o contexto atual, considerando o cenário plural, no qual vários pensamentos confrontam-se entre si, negando ao ser humano a capacidade de autenticar um conhecimento verdadeiro. Não raras vezes, o pensamento moderno apresenta o itinerário da razão humana como um labirinto, no qual o pensamento está destinado a perder-se em abstrações, abandonando, assim, as certezas simples e verdadeiras da vida concreta do ser humano. Além disso, os tempos atuais têm nos aprisionado num perigoso relativismo, uma vez que, quando não se reconhece pontos de referência objetivos, caímos num reino sofístico, onde cada um se torna medida de todas as coisas. Essa mentalidade tem contaminado perigosamente nossa cultura. A investigação aqui proposta consiste na apresentação de uma filosofia que esteja circunscrita à concretude real da vida, isto é, uma filosofia que desenvolva a sua legítima vocação: ser tão racional quanto humana.



1 O realismo filosófico de Gilbert Keith Chesterton

1.1 Dados biográficos e itinerário do pensamento filosófico de Gilbert Keith Chesterton

Gilbert Keith Chesterton nasceu no dia 29 de maio de 1874, no distrito de Kensington, em Londres, Inglaterra. Seus pais se chamavam Edward Chesterton e Marie Louise Keith.¹ Apesar de não se sentirem ligados com o credo da Igreja a que pertenciam, batizaram o pequeno Chesterton na fé anglicana,² na qual permaneceu até sua adesão completa ao catolicismo no dia 30 de julho de 1922.³

Segundo escreve em sua *Autobiografia*, sua juventude foi um dos períodos mais difíceis de sua vida, pois estava marcado por dúvidas, morbidades e confusões.⁴ Em *Ortodoxia*, confessou que era um “pagão aos doze anos, e um completo agnóstico aos dezesseis”.⁵ Sofreu, em diversos momentos e por breves períodos, a influência do catolicismo, protestantismo, paganismo, agnosticismo, socialismo e espiritismo.⁶ Todavia, foi justamente neste período conturbado que Chesterton passou por um momento decisivo em sua vida intelectual e moral, abdicando de tais influências e saindo do imanentismo relativista e assumindo o realismo.

Autor de uma vasta produção literária, Chesterton escreveu dezenas de livros, centenas de poemas e novelas, inúmeros ensaios e diversas peças teatrais. Sua produção é considerada um programa de estudos para a compreensão do mundo, com o objetivo de alcançar o homem simples para restabelecer nele o esquecido senso comum.⁷ Suas diversas obras revelam duas características: o intelectual, pois compreendeu profundamente os conhecimentos que compõem a cultura ocidental, e

¹ Cf. FILHO, Ives Gandra da Silva Martins. Vida e obra de Chesterton. In: CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. Tradução de Ives Gandra da Silva Martins Filho. Campinas: Ecclesiae, 2013. p. 8.

² Cf. PEARCE, Joseph. *Sabedoria e inocência: Vida de G. K. Chesterton*. Tradução de Mateus Leme. Campinas: Ecclesiae, 2017. p. 26.

³ Cf. FILHO, 2013, p. 19.

⁴ Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Autobiografia*. Tradução de Ronald Robson. São Paulo: Ecclesiae, 2012. p. 105.

⁵ CHESTERTON, 2013, p. 129.

⁶ Cf. PEARCE, 2017, p. 51.

⁷ Cf. ARAÚJO, Antônio Emílio Angueth de. Hereges e G. K. Chesterton. In: CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. 3. ed. Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo e Márcia Xavier de Brito. Campinas: Ecclesiae, 2014a. p. 14.



a de verdadeiro jornalista, pois foi capaz de explicar ao homem comum questões muito complexas com simplicidade.⁸

Gilbert Keith Chesterton faleceu aos 62 anos, no dia 14 de junho do ano de 1936, em sua própria residência, na cidade de Beaconsfield, em Buckinghamshire, Inglaterra.

A validade da filosofia chestertoniana não consiste em um conjunto extenso de obras com a complicada estrutura de um sistema, nem por seguir um método de investigação baseado na abstração, mas sua validade está justamente na densa experiência vivida e profundamente meditada de um homem inteligente e erudito.⁹ Sua intenção não é apresentar lições magistrais e muito menos tratados de filosofia, mas divulgar um pensamento para a sociedade de seu tempo.¹⁰

Sua filosofia está, de modo especial, fundamentada na filosofia realista, cujos principais expoentes são Aristóteles e Tomás de Aquino.¹¹

1.2 O realismo chestertoniano

O pensamento realista e toda a filosofia chestertoniana, antes de ser a transmissão de uma doutrina, é uma consequência da teoria tomista.¹² Sua obra reflete de modo fiel a sua própria experiência existencial. Tal experiência revela a busca apaixonada de Chesterton pela verdade, na qual ele faz um esforço contínuo e ardente para chegar a uma interpretação lógica e adequada do real. Sendo assim, pode-se afirmar que o fundamento do pensamento chestertoniano consiste justamente na convicção de que o universo, o homem e Deus têm que ser inteligíveis de algum modo. Esta posição parte de um pensamento que contraria o ceticismo e o relativismo. Ele se enquadra, desde o início, na filosofia realista. Pois, o real tem uma chave de interpretação, de tal forma que, mais do que conhecê-lo é possível entendê-lo, captando assim o sentido profundo da existência.¹³

⁸ Cf. ARAÚJO, Antônio Emílio Angueth de. Prefácio. In: CHESTERTON, Gilbert Keith. *Santo Tomás de Aquino*. 3. ed. Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo. Campinas: Ecclesiae, 2015a. p. 8.

⁹ Cf. ANTUÑANO ALEA, Salvador. *G. K. C. o la llave de la realidad perdida*. Estudio sistemático sobre la fundamentación metafísica de las ideas de Gilberto Keith Chesterton em su diálogo con la modernidad. 2003. 366 p. Tese [Doutorado em Filosofia], Universidade de Barcelona, Madrid, 2000. p. 156.

¹⁰ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 186.

¹¹ Cf. PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Tradução de Lenise Garcia Corrêa Barbosa. Brasília: UnB, 2008. p. 12.

¹² Cf. CORÇÃO, Gustavo. *Três alqueires e uma vaca*. 4. ed. Agir: Rio de Janeiro, 1955. p. 85.

¹³ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 156.



Em seu artigo *A Filosofia para a Sala-de-Aula*, Chesterton afirma:

*Todo ser humano em sã consciência acredita que o mundo e as pessoas ao redor dele são reais e não um produto da sua imaginação ou de um sonho. Ninguém começa a incendiar Londres, se está convencido de que seu criado logo o acordará para o café da manhã. [...] Todo homem em sã consciência, acredita não somente que este mundo existe, mas também que ele tem importância. Todo homem acredita que há, em nós, um tipo de obrigação de nos interessarmos por esta visão da vida.*¹⁴

Ao defender o realismo filosófico, pois a “realidade é algo em que todos nós podemos nos amparar, mesmo que ela dificilmente pareça se relacionar com qualquer coisa”,¹⁵ o escritor britânico acaba por criticar as correntes filosóficas cuja base é formada por uma visão cética, e anuncia a necessidade de um retorno à filosofia realista.¹⁶ A solução vista por ele, diante da fuga do homem frente à realidade, constituía um retorno para o restabelecimento da harmonia.¹⁷ “Esse retorno é para Chesterton uma volta para casa. É a volta de um terreno estranho, desconhecido e perigoso no qual ele mesmo deixou muitas pegadas”.¹⁸

1.2.1 *Experiência imediata, tendência natural e critério de universalidade*

A experiência imediata ordinária é um caminho para se chegar à realidade, pelo fato de existir, antes de toda reflexão e interpretação elaborada, um modo de se comportar e agir na realidade mundana. Onde o sujeito reconhece a existência de uma realidade objetiva e que, de fato, pode ser conhecida realmente e não apenas superficialmente.¹⁹ Para trilhar este caminho, deve-se, portanto, partir da realidade mais imediata, própria e inegável: a realidade da própria experiência. Por meio dos sentidos e da experiência da sensação, junto das experiências cognocentes e afetivas, tem-se presente, de forma continuada, persistente

¹⁴ CHESTERTON, Gilbert Keith. SOCIEDADE CHESTERTON BRASIL. *A Filosofia para a Sala-de-Aula*. *Daily News*. 22 de junho de 1907. Disponível em: <<http://www.sociedadechestertonbrasil.org/category/filosofia/>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

¹⁵ CHESTERTON, Gilbert Keith. *O homem eterno*. Tradução de Ronal Robson. Campinas: Ecclesiae, 2014b, p. 43.

¹⁶ Cf. MACEDO JÚNIOR, Antônio Gomes Vieira. *O conceito de “ortodoxia” em G. K. Chesterton*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado] – Faculdade de Filosofia, Faculdade Católica de Fortaleza, Fortaleza, 2015.

¹⁷ Cf. PAINE, 2008, p. 24.

¹⁸ PAINE, 2008, p. 24.

¹⁹ Cf. PAINE, 2008, p. 166.



e inevitável, a existência real de um mundo repleto de coisas e de homens e, neste mundo, a realidade do próprio ser.²⁰ A verdade da experiência imediata com a realidade criada leva a se admitir a validade do conhecimento humano, pois a mente se mostra aberta para captar a realidade.²¹ Ainda que a mesma tenha necessidade de ser explicada e entendida, ela será pelo fato de que antes foi sentida e percebida de forma objetiva.²²

A tendência natural, considerada como um forte critério de certeza, está em consonância com o ser racional e livre do homem, de tal modo que pode ser definida como uma tendência natural do homem para a sua plenitude. E, por ser natural, sua origem não está no desejo próprio, nas circunstâncias ou na sorte do homem, mas está inscrito da mesma forma em cada pessoa e a impulsiona na busca pela própria plenitude.²³ No homem, este instinto se manifesta com uma série de tendências diversas, com seus objetos próprios, que, relacionados com a liberdade e a felicidade, apontam para a plenitude da pessoa. Uma dessas tendências é a tendência natural da inteligência, voltada para a Verdade, o Bem e o Belo, que concede também ao homem uma abertura para o Absoluto, o infinito e para o próprio Ser.²⁴

Em função da existência de uma igualdade básica de natureza e dignidade comum entre os homens, percebida por G. K. Chesterton por meio da experiência imediata, pode-se afirmar a existência de uma forma de comportamento muito semelhante entre os homens ao longo da história. Apesar da alteridade e das concepções de existência serem diferentes, existe um modo de comportamento substancialmente humano, que declara a universalidade, uma matéria básica.²⁵ Com isso, Chesterton deduz o critério de universalidade como aquilo que a humanidade considera como verdadeiro, bom, belo, real e valioso. E sua força está baseada sobre a universalidade da natureza humana, onde existe um consenso universal admitido pelos homens, que apesar do transcorrer dos tempos, está tão dentro de nós, que permanece inalterada.²⁶

Partindo da verdade do critério de universalidade, Chesterton a aplica no processo cognitivo da realidade. Visto que este mundo é completamente verdadeiro, tentar racionalizá-lo, duvidando dele e o reduzindo a processos mentais, é negar as suas dádivas, não as desfrutando, pois

²⁰ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 166.

²¹ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 167.

²² Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 166.

²³ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 168.

²⁴ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 170.

²⁵ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 171.

²⁶ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 172.



assim “[...] perdemos a dádiva, seja ao tentarmos racionalizá-la, seja por não confiarmos em um mundo estranho, mas essencialmente verídico”.²⁷

2 A recusa da filosofia moderna e suas consequências para a sanidade mental do homem

2.1 A negação dos filósofos modernos

Gilbert Keith Chesterton compreendeu que a busca pela sabedoria por parte dos modernos²⁸, diferentemente de Aristóteles e Tomás de Aquino, não se utilizava da captação do ser como ponto de partida para o conhecimento. Por conta disso, perderam o contato com a experiência comum e articularam visões do mundo em desacerto com a revelação sobrenatural.²⁹

Filósofos modernos, como René Descartes e Immanuel Kant, se propuseram a apresentar um programa próprio de pensamento, a fim de que o homem moderno começasse a pensar de novo, pois era preciso, segundo eles, reorientar a mente filosófica do Ocidente, que erroneamente aceitava a primeira saudação do universo de forma ingênua. A recusa dos filósofos modernos em aceitar a realidade e o mundo como *pedagogos* dos quais se obtém o conhecimento chegou, três séculos mais tarde, ao mar de dúvidas do século XX. Ao perceber isso, Chesterton procurou, em seus escritos, apresentar a observação e a experiência do universo como fonte de conhecimento confiável.³⁰

2.2 Filosofia moderna: a recusa dos primeiros princípios

Diferentemente da filosofia aristotélico-tomista, Descartes e, após ele, grande parte dos filósofos modernos, renunciaram a vincular-se ao mundo como sendo o ponto de partida da filosofia, pois este seria um princípio impreciso demais para o pensamento moderno. Descartes e Kant, entre outros, ao rejeitarem a precisão evidente do mundo, foram em busca de uma evidência mais clara pela qual o mundo pudesse ser firmado e acabaram por transformar o filósofo moderno num especialista distante e hermético.³¹

²⁷ PAINE, 2008, p. 130.

²⁸ “As generalizações de Chesterton podem incomodar a mente desacostumada a trabalhar com gêneros. [...] nas suas obras, ele enxerga uma verdade comum sobre a maioria das pessoas que ‘enlouquece’ e importa-se pouco com detalhes e distinções [...]”. [PAINE, 2008, p. 112.]

²⁹ Cf. PAINE, 2008, p. 12.

³⁰ Cf. PAINE, 2008, p. 32-54.

³¹ Cf. PAINE, 2008, p. 104. (Grifo nosso).



Diante do problema moderno de saber onde começa o pensamento, Chesterton diz: “O homem que começa a pensar sem os primeiros princípios acaba por enlouquecer; é o homem que começou a pensar pelo lado oposto àquele por onde deveria ter começado”.³² Para Chesterton, a gênese do pensamento filosófico deve ser pelo ponto de partida correto, que para ele consiste nos primeiros princípios³³. Esses primeiros princípios são o ponto inicial de todo o movimento da razão, pois sendo a razão um movimento do pensamento, sua gênese necessita ser movida por algo que não se mova, e este algo são os referidos princípios. Assim como o ponto é o início da linha, os primeiros princípios são para o início da razão.³⁴ Os primeiros princípios de uma filosofia, que queira apresentar-se como autêntica, devem consistir na crença de que o ser é e é inteligível.³⁵

Em *Ortodoxia*, Chesterton apresenta dois impasses sobre o problema epistemológico, acerca do início do pensamento, que estão intrinsecamente relacionados à problemática acerca dos primeiros princípios. O primeiro consiste numa tentativa de deduzir os princípios do pensamento, e como consequência esta tentativa acaba por conduzir o sujeito cognoscente à loucura. O segundo incide sobre a tentação de se duvidar da possibilidade da existência de qualquer princípio, levando assim ao ceticismo.³⁶

2.2.1 O louco

Uma das principais características do lunático³⁷, consiste em este estar apegado a suas próprias convicções. Por conta disso, acaba por achar

³² CHESTERTON, 2013, p. 50.

³³ Primeiros princípios: termo utilizado por Chesterton, em sua crítica aos modernos, refere-se não apenas ao aspecto lógico desses princípios, que são os axiomas básicos da lógica aristotélica, mas à sua aplicação à realidade. Na filosofia aristotélica-tomista, a estrutura do mundo, organizado de modo racional e lógico não é questionada. A filosofia moderna, ao negar a base metafísica tradicional, passa a desvincular a razão da realidade do mundo. É nesse sentido que deve ser entendida a crítica de Chesterton, quando afirma que os modernos negam os primeiros princípios. (Nota do pesquisador).

³⁴ Cf. PAINE, 2008, p. 122.

³⁵ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 160.

³⁶ Cf. PAINE, 2008, p. 109-110.

³⁷ “Curar um louco não é discutir com um filósofo: é deitar fora um demônio. [...]. A sua postura é simplesmente esta: o homem deve deixar de pensar para continuar a viver. Trata-se, pois, de uma amputação intelectual. Se a tua cabeça te ofende, corta-a fora, porque é preferível entrares no reino dos Céus como uma criança, ou até como um imbecil, a ser atirado para o Inferno [...] com todo o teu intelecto” (CHESTERTON, 2013, p. 42).



que as suas crenças em suas próprias alucinações as fazem coerentes e todos aqueles que negam tais alucinações é que estão em estado de delírio. Por isso Chesterton dirá que

*Para um doido, a sua loucura é coisa absolutamente prosaica, pela simples razão de que é absolutamente verdade. Um homem que se julga um frango é, aos próprios olhos, tão comum quanto um frango, da mesma forma que um homem está convencido de que é um pedaço de vidro. É a homogeneidade da sua mente que o torna estúpido e faz dele um louco.*³⁸

Do mesmo modo agiram muitos dos filósofos modernos. Estes, ao negarem a realidade deste mundo, acreditando que o mesmo os enganava, acabaram por confiar em suas próprias estratégias mentais e criaram um mundo lógico, distante do real.³⁹ “Assim como o louco de alguma forma se distancia dos primeiros princípios e, por conseguinte, percebe o mundo de maneira diferente da maioria dos homens, o filósofo moderno faz tipicamente a mesma coisa”.⁴⁰ A mania do louco⁴¹ consiste em querer ter o domínio sobre as iniciações cognitivas e estar arraigado em suas próprias concepções mentais. Ao querer ter o controle de tudo, tais filósofos acabaram por fechar os olhos para a realidade, recusando as exigências intelectuais óbvias do mundo na apresentação das suas primeiras lições e assim enlouqueceram.⁴² Vendo isso, G. K. Chesterton expõe a necessidade de se assumir uma posição de aceitação do mundo, como um místico ou um poeta que frente à realidade não se prende ao entendimento desta, mas à contemplação, evitando deste modo o esgotamento de sua razão.⁴³

Ao concluir que o órgão mental do filósofo moderno está doente, Chesterton acredita que a restauração e a conservação da sanidade mental do homem se dão através do mistério. Somente o mistério é capaz de dar saúde ao homem e, quando destruído, a morbidez é criada. Chesterton

³⁸ CHESTERTON, 2013, p. 34.

³⁹ Cf. PAINE, 2008, p. 112.

⁴⁰ PAINE, 2008, p. 113.

⁴¹ “A experiência nos mostra que o doido é, comumente, um lógico bem-sucedido. Poderia, sem dúvida, ser vencido racionalmente e o caso ser-lhe posto em face da lógica. [...]. O doido vive na arejada e bem iluminada prisão de uma única ideia, e todo o seu espírito converge para um ponto afiado e doloroso, sem aquela hesitação e complexidade próprias das pessoas normais. [...]. E descrevi, por fim, a minha visão dos maníacos pela simples razão de que me sinto tão impressionado por eles quanto por uma grande parte dos modernos pensadores. [...]. Todos eles têm, exatamente, aquela combinação [...]: a combinação de uma expansiva e exaustiva razão com um limitado senso comum. A sua universalidade consiste, apenas no fato de levarem o mais longe possível uma explicação pouco sólida” (CHESTERTON, 2013, p. 43).

⁴² Cf. PAINE, 2008, p. 111.

⁴³ Cf. Ibid., p. 119.



alega que o possuidor da sanidade mental é o homem comum, pois este tem sido sempre um místico e tem se preocupado mais com a verdade do que com a lógica.⁴⁴ Os caminhos da lógica levam ao caos e à anarquia, pelo fato de tratar o universo como uma engrenagem material ou como um fruto da ilusão da mente. Somente o místico, o homem que aceita contradições, é que pode sorrir e caminhar livremente pelo mundo.⁴⁵

Por fim, compreende-se que a primeira resposta do homem comum ao universo consiste na resposta a um mistério. Longe de querer compreender o cosmo definitivamente, o homem não chega a ser humilhado diante de tal mistério do cosmo⁴⁶. Justamente aqui, nessa visão mística, é que tem início a vida cognitiva.⁴⁷

2.2.2 O cético

O cético, diferentemente do louco que busca deduzir os princípios do pensamento e cuja razão se recusa a estar enraizada no primeiro encontro sensível com o universo, sofre de uma aflição mental que destrói os princípios do pensamento, essa aflição consiste numa humildade inoportuna. Este tem o receio de dar o primeiro passo em relação a tais princípios.⁴⁸ Suas perguntas, além de atingirem diretamente a vida humana, acabam por perturbar o mundo e, de modo mais preciso, o próprio senso comum.⁴⁹

O fato de negar os primeiros princípios do pensamento, como fizeram muitos dos filósofos modernos, e declarar a lógica como ponto de partida para tudo entender, acaba por culminar no ceticismo. Este escurece as possíveis chances de qualquer certeza absoluta⁵⁰, quando interpreta o fracasso da razão em deduzir os primeiros princípios como a desqualificação total do próprio dom natural e ao se perturbar ante a exigência do mundo em ser confiado.⁵¹

⁴⁴ Cf. CHESTERTON, 2013, p. 50.

⁴⁵ Cf. Id., SOCIEDADE CHESTERTON BRASIL, *Porque acredito no cristianismo*. Disponível em: <<http://www.sociedadechestertonbrasil.org/por-que-acredito-no-cristianismo/>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

⁴⁶ “[...] se não se está pronto para aceitar o Universo como ele é – justamente com todas as obscuridades –, nunca se alcançará a lucidez sobre qualquer coisa que seja” (PAINE, 2008, p. 159).

⁴⁷ Cf. PAINE, 2008, p. 116.

⁴⁸ Cf. PAINE, 2008, p. 121.

⁴⁹ Cf. CHESTERTON, 2012, p. 212.

⁵⁰ “A maior parte das filosofias modernas não são filosofias, são dúvidas filosóficas: dúvidas sobre se pode haver alguma filosofia” (RAMÓN AYLLÓN. (Org.), *Ciudadano Chesterton: una antropologia escandalosa*, 2. ed. Madrid: Palabra, 2011, p. 85, tradução nossa).

⁵¹ Cf. PAINE, 2008, p. 121.



Este, segundo o autor, é um pensamento que tem o poder de frear qualquer pensamento e, por conta disso, deve ser parado. Pois, torna-se impossível fantasiar um mundo mais cético do que aquele em que os homens duvidam da própria existência do mundo.⁵² No pensamento de Chesterton, a realidade está ligada à existência, ela é real. Para ele o que está em causa não é o “Ser ou não ser? Eis a questão” mas sim “Ser, eis a resposta”. Enquanto que para o ceticismo é necessário duvidar de tudo até encontrar uma base última indubitável como definição da realidade.⁵³

2.2.3 O herege

Em sua obra *Hereges*, G. K. Chesterton, apresenta ainda a figura do herege⁵⁴, como aquele intelectual modernista que escolhe apenas parte da verdade ou a nega completamente, resumindo a seus aspectos subjetivos, fugindo assim da ortodoxia. Estes ao tentarem criar um mundo, partindo de suas próprias convicções, acabam por fugir do mesmo. Eles enumeram uma variedade de erros acerca do universo e do homem, tentando saná-los, negando-os e recriando-os a partir de suas próprias percepções subjetivas. Por outro lado, o ortodoxo percebe a grandeza deste nosso mundo, confirmando que este tem limites, mas que, apesar disso, seria um gesto insano prender-se a um mundo mental, negando, deste modo, o mundo real.⁵⁵

Chesterton percebeu que ao criarem um mundo perfeito em suas mentes, tais hereges, “[...] apesar de toda a boa vontade, não eram, de fato, ortodoxos, não eram realmente capazes de ver o mundo e a grama crescendo em direção aos céus azuis”.⁵⁶ Os hereges do passado, achando que sua visão era ortodoxa, acabavam por defender uma visão errônea. Porém, os hereges modernos, defendem uma visão errada, apenas em contraposição à ortodoxia. Se orgulham por serem considerados hereges, por defenderem uma posição contraditória.⁵⁷

Tal posição tornou a realidade relativa, em contraste com a ortodoxia. Sua influência na sociedade tornou-a contraditória e vazia, por recusar valores cruciais para o pensamento ocidental. Sem um princípio

⁵² Cf. CHESTERTON, 2013, p. 72-78.

⁵³ Cf. SOCIEDADE CHESTERTON BRASIL. *Chesterton para principiantes – Introdução*. Acesso em: 14 mai. 2017.

⁵⁴ Hereges: termo utilizado por G. K. Chesterton para designar o gênero de que fazem parte o louco e o cético. (Nota do pesquisador).

⁵⁵ Cf. CHESTERTON, 2014a, p. 104-108.

⁵⁶ SCHALL, James V. Doutrina e dignidade: de hereges a ortodoxia. In: CHESTERTON, 2014a, p. 299-300.

⁵⁷ Cf. CHESTERTON, 2014a, p. 37-38.



real para estar enraizada, tal sociedade fica aprisionada à desordem de seu relativismo e passa a recusar um princípio sólido para se desenvolver.⁵⁸

2.3 Filosofia moderna: o afastamento do lar ocidental

De acordo com o pensamento chestertoniano, a tendência moderna consiste num afastamento do lar ocidental, pois ao colocar em xeque a existência da realidade, tal tendência acaba se afastando da base do pensamento ocidental. Sob a influência de um dos principais ensinamentos da filosofia oriental acerca da atitude do sujeito em relação ao mundo, está o ponto de partida característico de quase toda a filosofia ocidental moderna.⁵⁹

Sob tal influência, muitos filósofos modernos ocidentais acabaram por identificarem, como símbolo de suas filosofias, o signo oriental do Ouroboros, onde a serpente está comendo a própria cauda, um animal que se devora a si mesmo⁶⁰. Este símbolo representa o hábito aprisionador do pensamento e o fatalismo de perceber a realidade que tem início e fim na própria mente, pois tal círculo “[...] é perfeito e infinito em sua natureza, mas está fixo para sempre no seu tamanho e nunca poderia ser maior ou menor. [...]. O círculo gira sobre si mesmo e é limitado”.⁶¹

Este círculo vicioso do pensamento só pode ser quebrado por uma interrupção cruzada, ou seja, pela cruz, símbolo do Cristianismo. Símbolo naturalmente ocidental, a cruz permanece contrária ao círculo oriental e torna-se alegoria da atitude do pensamento cristão ocidental. Ela, “[...] embora tenha no centro uma colisão e uma contradição, pode estender os seus quatro braços para a eternidade, sem alterar sua forma. [...] a cruz abre os seus braços aos quatro ventos e é como um poste indicador para os viajantes livres”.⁶²

Diante das críticas e das propostas de Chesterton para o mundo moderno, compreende-se que sua mensagem, caracterizada como uma

⁵⁸ Cf. SCHALL, James. O centenário de Ortodoxia. *Communio*. Revista internacional de teologia e cultura. Rio de Janeiro: Communio, v. XXVII, n. 3, p. 747-772, jul./set. 2008, p. 753-768.

⁵⁹ Cf. PAINE, 2008, p. 23-37.

⁶⁰ “[É] a filosofia, em última análise, representada pela cobra devorando sua própria cauda; o terrível e cético argumento num círculo pelo qual tudo começa e termina na mente. [...]. Ora, parece-me que o combatente cristão é a única coisa que tinha estado naquele círculo místico e dele escapou, tornando-se também algo real. Foi para o Oeste por uma espécie de força centrífuga, como uma pedra de bodoque...” (CHESTERTON, Gilbert Keith, *The new Jerusalem*. Londres: Hodder and Stoughton, 1921, p. 303, tradução nossa).

⁶¹ CHESTERTON, 2013, passim.

⁶² CHESTERTON, 2013, p. 51.



tônica filosófica, visava moldar a mente e a sensibilidade do homem contemporâneo, para que voltasse às evidências do senso comum.

3 A filosofia do senso comum como meio para se chegar a uma visão verdadeira da realidade

3.1 A filosofia do senso comum

Gilbert Keith Chesterton foi considerado por muitos como sendo o *apóstolo do senso comum*, pois defendia que grande parte dos sistemas de pensamento do mundo moderno não correspondia ao senso de realidade existente em todo o mundo.⁶³

Toda a filosofia chestertoniana consiste basicamente na defesa da filosofia do senso comum para que o homem obtenha a sanidade do seu pensamento, pois este é o princípio de uma filosofia salutar e verdadeira. Seu fundamento está justamente na necessidade de o homem se arraigar nos primeiros princípios, aceitando, de forma humilde, a primeira saudação do universo, ou seja, perceber o mundo como ele se apresenta, e acreditando que este mundo não nos engana. Tal filosofia professa que a realidade mostrada pelos entes e apreendidas pelos sentidos, são puramente confiáveis, apesar da aceitação do universo como ele é, ser às vezes incompreensível.⁶⁴

Portanto, para Chesterton, a sanidade do senso comum, de perceber o mundo como ele se apresenta, constitui a via para se chegar à ortodoxia, pois é através da apreensão e da aceitação da realidade como ela é que se chega à verdade mesma.

3.1.1 *Senso comum: a filosofia do homem comum e do camponês*

A filosofia do senso comum é a filosofia que está mais próxima do homem da rua que de muitas outras filosofias.⁶⁵ O homem comum, possuidor da sã filosofia, sempre esteve mais preocupado com a verdade do que com a coerência, isso pelo fato de ser um místico. Para compreender a realidade, sua visão é a mais correta, pois sua ótica está fincada nos primeiros princípios. O homem comum é aquele que proclama que “o sentido do milagre da Humanidade em si devia estar sempre mais vivo em nós do que as maravilhas do poder, da inteligência, da arte ou da civilização”.⁶⁶

⁶³ Cf. CHESTERTON, 2015a, p. 128.

⁶⁴ Cf. PAINE, 2008, passim.

⁶⁵ Cf. CHESTERTON, 2015a, p. 128.

⁶⁶ CHESTERTON, 2015a, p. 76.



“O principal argumento a favor do camponês é de uma simplicidade tão rija que beira a selvageria”.⁶⁷ Diferentemente do homem moderno, o camponês soube preservar tal senso.⁶⁸ Ele “[...] realmente vive, não apenas uma vida simples, mas também uma vida completa”.⁶⁹

3.1.2 *Senso comum: a filosofia da criança*

A filosofia do senso comum, trata de certo modo, de olhar a vida através dos simples fatos,⁷⁰ assim como a criança percebe o mundo: com os olhos cheios de maravilhamento diante do ordinário, exultando na monotonia. Tal percepção infantil, constitui um regresso à forma mais elementar de percepção, que é o êxtase ou encantamento. Esta atitude, de conferir atenção e importância ao mundo, constitui como etapa essencial da aprendizagem e da ligação ao mundo exterior. Isso faz com que o sujeito escape às complicações da formatação da realidade pela lógica.⁷¹

Devido a esta realidade infantil, G. K. Chesterton mostrou a necessidade de se recuperar tal visão, pois as crianças, desde a mais tenra idade, conseguem perceber a grandeza do cotidiano se admirando com ele. Cada ato do dia, por mais simples que seja, é para elas, maravilhoso. Chesterton atribuiu à criança a melhor percepção do nosso mundo, pois ela experiencia a verdadeira natureza da alegria. A criança percebe o mundo à luz de uma manhã eterna, interpretando-o como se ele fora tão novo quanto ela.⁷²

3.1.3 *Senso comum: a filosofia dos contos de fada*

Chesterton, após seu longo itinerário filosófico em busca da sua filosofia, compreendeu que suas primeiras e mais verdadeiras lições tiveram origem nos contos de fadas, pois “[...] os contos de fadas possuem a mais profunda verdade da terra, o verdadeiro registro do sentimento humano pelas coisas”.⁷³

⁶⁷ CHESTERTON, Gilbert Keith. *Um esboço da sanidade: pequeno manual do distributismo*. Tradução de Raul Martins. Campinas: Ecclesiae, 2016c. p. 98.

⁶⁸ Cf. PAINE, 2008, p. 50.

⁶⁹ CHESTERTON, 2016c, p. 114.

⁷⁰ Cf. CHESTERTON, 2013, p. 71.

⁷¹ Cf. CAMPOS, Antônio. SOCIEDADE CHESTERTON PORTUGAL. *Chesterton para principiantes – A epistemologia*. Acesso em: 18 mar. 2017.

⁷² Cf. CAMPOS, Antônio. SOCIEDADE CHESTERTON PORTUGAL. *Chesterton – O argumento ontológico*. Acesso em: 20 jul. 2017.

⁷³ CHESTERTON, 1920 apud PAINE, 2008, p. 137. (Grifo do autor).



O referido defensor da filosofia dos contos de fadas, após afundar na atmosfera mental do pensamento moderno, percebeu que tal pensamento era totalmente oposto ao que receberá de sua babá e de tais contos. Porém, Chesterton demorou para perceber que o mundo moderno estava errado e que eram tais contos que estavam certos e que a Filosofia Moderna contradizia a crença fundamental de sua infância. Gilbert K. Chesterton descobriu que tais contos radicavam nele duas convicções. A primeira consistia em compreender que este mundo é um lugar selvagem e extraordinário, e tal mundo poderia ter sido diferente do que ele é, mas isso não o faz menos agradável. Sua segunda convicção consistia no fato de que, diante da excentricidade e prazer do mundo, o homem deveria ser modesto e se submeter aos limites da tão bizarra amabilidade.⁷⁴

Desta realidade descoberta por Chesterton, pode-se compreender que o mundo possui um valor enorme, pois ele existe e traz em si uma realidade maravilhosa, resultando ao homem assumir uma atitude de maravilhamento, própria dos contos de fadas, com o mundo e com a própria vida. Havendo assim uma união entre a busca da admiração e a visão realista das crianças.⁷⁵

3.2 A maravilha existencial do mundo

Diante da situação da saída do homem de sua casa, característica presente nos filósofos modernos pelo fato de negarem a realidade, Chesterton acredita que a posição do homem diante do mundo deve ser uma posição de maravilhamento. “Somente o fato de o mundo existir como ele realmente é, e em nenhuma das formas que podemos imaginar, inspira admiração autêntica, pois somos incapazes de definir precisamente por que a vontade que escolheu fazê-lo assim não o fez diferente”.⁷⁶

Chesterton falava do cosmos com a paixão de um enamorado, pois descobriu na realidade, aspectos de bondade, verdade e beleza. Todo o esplendor do cosmos o encantou e fez dele um fascinado, deslumbrado, por toda a vida. Esta capacidade de admiração, consiste na atitude básica do filósofo, pois ela leva ao descobrimento do valor primordial e emocionante da existência.⁷⁷ Segundo Aristóteles, “[...] os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração

⁷⁴ Cf. CHESTERTON, 2013, p. 92.

⁷⁵ Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith, *A coisa: por que sou católico?*. Tradução de Antônio Emílio Anghet de Araújo. São Paulo: Oratório, 2016a, passim.

⁷⁶ PAINE, 2008, p. 139.

⁷⁷ Cf. ANTUÑANO ALEA, 2003, p. 163.



[...]”.⁷⁸ (ARISTÓTELES, *Metafísica*, II 2, 982b, 10). Sendo assim, pode-se perceber o despertar do filósofo: “tanto para Aristóteles como Platão, os dois maiores filósofos gregos, estão de acordo, portanto em reconhecer que o desejo de saber tem início na maravilha sentida diante do acontecer nas coisas do mundo”.⁷⁹

Por fim, deve-se compreender que, ao contemplar aquilo que é trivial, ordinário, o homem passa a se aproximar da saudação do mundo, da maravilha. Por mais que o homem se encontre diante dos mistérios indecifráveis do mundo, estes, pelo fato de serem verdadeiros, fazem parte do cotidiano de maravilhas que deve ser acreditado e admirado. “*O mistério da vida é a parte mais óbvia dela. As nuvens são cortinas de escuridão, vapores confusos; esses criam a atmosfera cotidiana do mundo*”.⁸⁰

3.3 Cristianismo: o defensor do senso comum

Ao se aceitar o senso comum como um meio para se chegar a uma visão verdadeira da realidade, G. K. Chesterton descobriu que o cristianismo era postulador desta visão, uma vez que ele “[...] percebeu ser o senso comum por si só que postulava o tipo de mundo que todos vivenciam, e só o cristianismo dentre as religiões se interessava pelo mundo como ele é”.⁸¹

*O cristianismo apela para a verdade sólida exterior a ele; a algo que é nesse sentido exterior bem como eterno. Ele declara que as coisas realmente estão aí; ou, para dizê-lo de outro modo, que as coisas são realmente coisas. A esse respeito o cristianismo coincide com o senso comum; mas toda a história das religiões mostra que esse senso comum desaparece a menos quando existe o cristianismo para conservá-lo.*⁸²

A contribuição de Chesterton foi a ênfase no papel desempenhado pela *maravilha* na cristandade. Esta maravilha era, como visto anteriormente, no sentido de êxtase infantil, de maravilhamento que um presente desperta. Isso porque o cristianismo é a religião da alegria

⁷⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica*. 3. ed. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. ao port. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. p. 11.

⁷⁹ BERTI, Enrico. *No Princípio era a Maravilha*. Trad. Fernando S. Moreira. São Paulo: Loyola, 2010. p.10.

⁸⁰ CHESTERTON, 1910 apud PAINE, 2008, p. 20. (Grifo do autor).

⁸¹ PAINE, 2008, p. 109.

⁸² CHESTERTON, 2014b, p. 157.



e não da monotonia.⁸³ Pois “o cristianismo veio ao mundo primeiramente para afirmar, com veemência, que o homem deve não só olhar para dentro, mas também olhar para fora e contemplar, com admiração e entusiasmo [...]”.⁸⁴

Chesterton descobriu no cristianismo uma correspondência profunda deste com o senso comum e sua importância na conservação desse senso comum.⁸⁵ Tal senso, juntamente com a tradição filosófica ocidental e a filosofia cristã, foi esquecido de modo especial pelos pensadores modernos. Por isso o cristianismo, diante da negação do óbvio por parte de tais filósofos, assumirá a postura de recordar ao homem e defender os princípios básicos da realidade e da existência.

*Nós, que somos cristãos, nunca nos demos conta do grande senso comum filosófico inerente àquele mistério, até que os escritores anticristãos nos chamaram a atenção. A grande marcha da destruição mental continuará. Tudo será negado, tudo se tornará credo. É razoável negar a existência de pedras da rua; será um dogma religioso declará-lo. É uma tese racional dizer que vivemos um sonho; será sanidade mística dizer que estamos acordados. Velas serão acesas para atestar que dois mais dois são quatro. Espadas serão empunhadas para provar que as folhas são verdes no verão.*⁸⁶

O referido autor, porém, já alertava acerca da dificuldade de se possuir uma visão ortodoxa, ou seja, uma visão correta acerca das coisas, e uma visão católica. Isso porque existe uma facilidade tremenda no homem em se perder em filosofias insanas e heréticas.

*Nunca houve coisa tão perigosa ou excitante como a ortodoxia. Era a sanidade: e ser são é mais dramático do que ser louco. [...]. É fácil ser louco; é fácil ser herege. É sempre fácil acompanhar os tempos; o difícil é conservar a própria personalidade. É fácil ser modernista, assim como é fácil ser esnobe. [...]. É sempre fácil cair: há uma infinidade de ângulos que nos podem provocar a queda, mas há apenas um onde podemos nos firmar.*⁸⁷

⁸³ Cf. CAMPOS. SOCIEDADE CHESTERTON PORTUGAL. *Chesterton – O argumento ontológico*. Acesso em: 20 jul. 2017.

⁸⁴ CHESTERTON, 2013, p. 118.

⁸⁵ Cf. PAINE, 2008, p. 109.

⁸⁶ CHESTERTON, 2014a, p. 283-284.

⁸⁷ CHESTERTON, 2013, p. 152-153.



Este ponto onde o homem pode se firmar com segurança é o catolicismo⁸⁸, pois “[...] o catolicismo é verdadeiro. [...]. A Igreja Católica é católica. Preferiria tentar sugerir que ela não é somente maior do que eu, mas maior do que qualquer coisa no mundo; que ela é realmente maior que o mundo”.⁸⁹

Conclui-se, portanto, que Gilbert Keith Chesterton descobriu que sem o ambiente encorajador do cristianismo, as verdades basilares e naturais se tornariam estranhamente evasivas. É preciso pois que uma autoridade sobrenatural, neste caso a Igreja Católica, com seus dogmas primários e inquestionáveis, proteja a aventura mundana dos homens.⁹⁰

Conclusão

Este artigo teve por finalidade mostrar a crítica de Gilbert Keith Chesterton à filosofia moderna e de como ele a fundamenta a partir da filosofia do senso comum. Para que se chegasse à resposta de tal indagação, foi necessário compreender a filosofia do senso comum e a crítica de Chesterton à filosofia moderna. Isso se deu através da explicitação de três objetivos específicos: apresentar o realismo filosófico de Chesterton; descrever a crítica do referido autor ao abandono dos primeiros princípios filosóficos pela filosofia moderna e suas consequências para a sanidade mental do homem; e por fim, explicitar a defesa da filosofia do senso comum como meio para se chegar a uma visão verdadeira da realidade.

Por vezes, influenciados pela filosofia moderna, os autores contemporâneos elaboram suas ideias partindo de esquemas altamente lógicos e racionais, mas que não condizem com a realidade. Por fim, ao invés de adequarem suas mentes à realidade, acabam fazendo o caminho inverso e entram num relativismo subjetivista, fugindo da ortodoxia para

⁸⁸ “Eu me orgulho de ser agrilhado por dogmas antiquados e de ser escravizado por credos mortos (como meus amigos jornalistas repetem com tanta pertinência), pois sei muito bem que os credos heréticos é que estão mortos e que só o dogma sensato que vive o suficiente para ser chamado de antiquado. Eu muito me orgulho do que as pessoas chamam de ofício sacerdotal, uma vez que mesmo tal expressão pejorativa preserva a verdade medieval de que um padre, como qualquer outro homem, deve ter um ofício. Muito me orgulho do que as pessoas chamam de Mariolatria, porque isto introduziu na religião, em suas eras mais sombrias, aquele elemento de cavalheirismo que agora está sendo tardia e erroneamente compreendido sob forma de feminismo. Muito me orgulho de ser ortodoxo acerca dos mistérios da Trindade e da Missa; eu me orgulho de acreditar no confessionalário; eu me orgulho de acreditar no Papado” (CHESTERTON, 2012, p. 106).

⁸⁹ CHESTERTON, Gilbert Keith. *Todos os caminhos levam a Roma*. 2. ed. Tradução de Antônio Emílio Anghet de Araújo. São Paulo: Oratório, 2016b. p. 71.

⁹⁰ Cf. PAINE, 2008, passim.



a heterodoxia. Sendo assim, Chesterton apresentou a filosofia do senso comum como um meio para que se voltasse às evidências da realidade, onde a mente é quem deve se adequar à realidade. É nesta filosofia, que o cristianismo defende há dois mil anos, que se encontra a ortodoxia, pois nela não há negação da realidade dos seres, mas a aceitação desta e dos primeiros princípios. Deste modo, Chesterton frisa a defesa do cristianismo, juntamente com a filosofia perene do Ocidente, para que se redescubra uma filosofia que esteja circunscrita à concretude real da vida e do mundo.

Referências

- ANTUÑANO ALEA, Salvador. *G. K. C. o la llave de la realidad perdida*. Estudio sistemático sobre la fundamentación metafísica de las ideas de Gilberto Keith Chesterton em su diálogo con la modernidad. 2003. 366 p. Tese [Doutorado em Filosofia], Universidade de Barcelona, Madrid, 2000.
- ARAÚJO, Antônio Emílio Angueth de. Prefácio. In: CHESTERTON, Gilbert Keith. *Santo Tomás de Aquino*. 3. ed. Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo. Campinas: Ecclesiae, 2015a.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 3. ed. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. ao port. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.
- BERTI, Enrico. *No Princípio era a Maravilha*. Trad. Fernando S. Moreira. São Paulo: Loyola, 2010.
- CAMPOS, Antônio. SOCIEDADE CHESTERTON PORTUGAL. *Chesterton – O argumento ontológico*. Acesso em: 20 jul. 2017.
- _____. SOCIEDADE CHESTERTON PORTUGAL. *Chesterton para principiantes – A epistemologia*. Acesso em: 18 mar. 2017.
- _____. *A coisa: por que sou católico?*. Tradução de Antônio Emílio Anghet de Araújo. São Paulo: Oratório, 2016a.
- _____. *Autobiografia*. Tradução de Ronald Robson. São Paulo: Ecclesiae, 2012.
- _____. *Hereges*. 3. ed. Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo e Márcia Xavier de Brito. Campinas: Ecclesiae, 2014a.
- _____. *O homem eterno*. Tradução de Ronal Robson. Campinas: Ecclesiae, 2014b.



CAMPOS, Antônio. *Ortodoxia*. Tradução de Ives Granda da Silva Martins Filho. Campinas: Ecclesiae, 2013.

_____. SOCIEDADE CHESTERTON BRASIL. A Filosofia para a Sala-de-Aula. *Daily News*. 22 de junho de 1907. Disponível em: <<http://www.sociedadechestertonbrasil.org/category/filosofia/>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

_____. *The new Jerusalem*. Londres: Hodder and Stoughton, 1921.

_____. *Todos os caminhos levam a Roma*. 2. ed. Tradução de Antônio Emílio Anghet de Araújo. São Paulo: Oratório, 2016b.

_____. *Um esboço da sanidade: pequeno manual do distributismo*. Tradução de Raul Martins. Campinas: Ecclesiae, 2016c.

CORÇÃO, Gustavo. *Três alqueires e uma vaca*. 4. ed. Agir: Rio de Janeiro, 1955.

MACEDO JÚNIOR, Antônio Gomes Vieira. *O conceito de “ortodoxia” em G. K. Chesterton*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado] – Faculdade de Filosofia, Faculdade Católica de Fortaleza, Fortaleza, 2015.

PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Tradução de Lenise Garcia Corrêa Barbosa. Brasília: UnB, 2008.

PEARCE, Joseph. *Sabedoria e inocência: Vida de G. K. Chesterton*. Tradução de Mateus Leme. Campinas: Ecclesiae, 2017.

RAMÓN AYLLÓN, (Org.). *Ciudadano Chesterton: una antropologia escandalosa*. 2. ed. Madrid: Palabra, 2011.

SCHALL, James. O centenário de Ortodoxia. *Communio*. Revista internacional de teologia e cultura. Rio de Janeiro: Communio, v. XXVII, n. 3, p. 747-772, jul./set. 2008.

SOCIEDADE CHESTERTON BRASIL. *Porque acredito no cristianismo*. Disponível em: <<http://www.sociedadechestertonbrasil.org/por-que-acredito-no-cristianismo/>>. Acesso em: 16 mai. 2016.